

UNIDADE 4 – HOMILÉTICA

Uma das atividades mais importantes e significativas no ministério pastoral é a pregação. A pregação é a tarefa primordial da Igreja, e, por conseguinte, do ministro da Igreja.

A pregação não apenas está intimamente ligada ao cumprimento da Grande Comissão, como também se constitui, provavelmente, na principal ferramenta de condução da Igreja a cumprir com seus propósitos neste mundo. Na História dos Avivamentos, desde Atos dos Apóstolos, a pregação ocupa uma posição central.

• **DEFINIÇÃO DA DISCIPLINA DE HOMILÉTICA**

A elaboração de sermões é, ao mesmo tempo, uma ciência e uma arte. Isto porque tem um aspecto de emprego de técnicas, mas também se trata do desenvolvimento de uma habilidade pessoal, particular, de se empregar tais técnicas.

É o estudo da Homilética que auxilia o ministro a cumprir adequadamente a função e o propósito da Pregação da Palavra. A Homilética contribui para que os sermões sejam:

- a) **biblicamente corretos**;
- b) enfatizem a verdade com uma **aplicação pertinente**; e
- c) sejam apresentados de **maneira clara** e compreensível.

A exposição das Escrituras, por meio da retórica, é uma herança do Judaísmo.

O berço da Homilética se encontra na arte da oratória dos Antigos Gregos. A arte da retórica tinha sua importância reconhecida no mundo greco-romano em que o Cristianismo nasceu e se desenvolveu. Além disso, é-se possível atribuir o desenvolvimento da Homilética no Cristianismo nascente a dois fatores principais:

- a) a influência da retórica na arte da pregação do Evangelho; e
- b) a conversão de pessoas já treinadas na retórica

A pregação cristã, portanto, apropriou-se da retórica grega e de suas influências, assim como da tradição profética do Antigo Testamento e das exposições didáticas dos rabinos judaicos.

Pregar é proclamar a mensagem de Deus, por meio de uma personalidade escolhida, para atender às necessidades da humanidade. O pregador é uma figura central na pregação, tal como a pregação é uma figura central para a fé, na Igreja local. O laboratório de trabalho do pregador, que resultará em sua pregação é, por um lado, o estudo da Palavra e, por outro, a intimidade com as necessidades e dilemas do rebanho a quem ministra.

• COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

A comunicação de um sermão é uma atividade que exige muito preparo. Assim, o ministério da Pregação não pode ser feito sob os efeitos do imprevisto. Esse preparo, que antecede a entrega da mensagem à Igreja pode ser “[...] comparada a uma luta, a uma batalha, ou até mesmo ao trabalho de parto de uma mulher”.

Não se deve separar a pregação do pregador. O preparo para a pregação da Palavra implica que o sermão e o pregador sejam um. A preparação do sermão não é tarefa de algumas horas por semana. É o compromisso de uma vida inteira.

Na comunicação da mensagem, segundo Martin Lloyd-Jones, “[...] o pregador deve sugerir o senso de urgência, de que ele está ali entre Deus e os homens, falando entre o tempo e a eternidade, ou então não tem o direito de estar em um púlpito”.

John A. Broadus (2009) trata de alguns elementos importantes na arte da comunicação na entrega de um sermão:

Primeiramente, destaca o que chama de capacidades da voz, que são

- a) a **extensão**: a variação de tom que a voz alcança;
- b) o **volume**: a quantidade de som produzida;
- c) a **capacidade de penetração**: a distância a que alguém pode ser ouvido.

Ele sugere que o pregador:

- a) Não comece em tom muito alto;
- b) Não deixe a voz cair nas últimas palavras de uma frase;
- c) Nunca deixe de tomar fôlego antes que os pulmões fiquem inteiramente vazios e, em geral, mantenha-os bem cheios;
- d) Olhe frequentemente para os ouvintes mais distantes e perceba se eles o ouvem;
- e) Desenvolva variedade de tom, força e velocidade.

Além disso, Broadus aconselha que a postura do pregador seja ereta.

Com relação ao preparo envolvido na elaboração de um sermão, não são apenas as técnicas de comunicação no momento da exposição que devem receber a atenção do pregador. Na fase de preparo, há também uma enorme responsabilidade a ser assumida na questão do trabalho com as Escrituras para que a pregação seja bíblica e atenda às necessidades das pessoas e às necessidades de Deus para as pessoas.

- **DO TEXTO À EXPOSIÇÃO**

Há um trajeto que deve ser feito desde o texto bíblico até que o sermão seja entregue.

Um dos grandes desafios para que isso aconteça é o de que a Bíblia é um texto muito antigo, com muita diversidade de assuntos e autores. Foi composta dentro de um contexto social e histórico que não existe mais. O que um texto disse no passado não pode ser diferente do que ele diz hoje. Por isso, o desafio do pregador é compreender adequadamente o texto dentro de seu próprio contexto para então aplicar os princípios espirituais nele relacionados ao mundo de hoje. Esses princípios são para todas as gerações, mas estão encapsulados numa cultura e sociedade arcaicas.

Alguns passos importantes nessa tarefa são:

- PROPÓSITO DO AUTOR:

É necessário fazermos um estudo investigativo para nos aproximarmos ao máximo possível da intenção original do autor bíblico. A descoberta do “padrão de significado”, bem como de suas implicações, está diretamente relacionada ao propósito do autor e ao contexto.

Todas as implicações de um texto são controladas pelo significado pretendido pelo autor. Portanto, para que sejam estabelecidos os limites das verdadeiras implicações do texto, faz-se necessária uma compreensão clara e cuidadosamente definida do padrão pretendido pelo autor.

- RESPEITO AOS CONTEXTOS DO TEXTO:

A intenção do autor, portanto, está completamente ligada ao contexto em que ele estava escrevendo. Sem que o pregador tenha essa preocupação investigativa, ele pode pregar algo completamente fora do que a Bíblia estava querendo dizer.

Gordon Fee e Douglas Stuart dividem o respeito ao contexto do texto sob duas óticas: contexto **literário** e contexto **histórico**.

Devemos entender o contexto literário como sendo o que o autor procurou dizer com os símbolos utilizados antes e depois do texto em investigação. Uma forma prática de respeitarmos o contexto literário, portanto, é observarmos o fluxo de ideias antes e depois do texto estudado, assim como observar como o texto que está sendo estudado se encaixa no conjunto do capítulo e do livro.

O contexto histórico, que diferirá de livro para livro, tem a ver com várias coisas: a época e a cultura do autor e dos seus leitores, ou seja; os fatores geográficos, topográficos e políticos que são relevantes no âmbito do autor; e a ocasião do livro.

→ RESPEITO AOS GÊNEROS LITERÁRIOS:

Quando conseguimos identificar o gênero literário, já conseguimos estabelecer as bases para seu trabalho interpretativo do texto.

Lei: preceitos, normas e costumes que visavam regular as alianças entre Deus e o povo de Israel.

Acerca desse gênero, uma pergunta importante é: *“O que ainda tem relação com a igreja é o que possuía aplicação para a antiga nação de Israel?”*, ou seja, *“o que se aplicava a Israel ainda se aplica a nós hoje?”*.

Poesia: a expressão de vivências, sentimentos e percepções da realidade material e espiritual traduzidas em linguagem lírica ou poética (Salmos, Cantares e Lamentações).

Deve-se tomar cuidado com interpretações que extraíam doutrinas da literatura poética, pois o aspecto doutrinário é secundário nas intenções dos autores desse tipo de gênero.

Narrativas: as narrativas tratam de acontecimentos, feitos históricos de natureza real ou imaginária, genealogias e recordações de caráter didático.

Devem ser interpretadas à luz dos ensinamentos sistemáticos, sob a perspectiva da revelação progressiva.

Literatura sapiencial: a literatura sapiencial representa o refinamento da experiência e observação dos sábios, expressa de maneira sentenciosa (sentenças de máximas). (Jó, Provérbios e Eclesiastes).

Literatura apocalíptica: relata as experiências místicas de certos indivíduos através linguagem simbólica. Em geral, funciona como uma busca de sentido para a história de redenção e estímulos para o povo de Deus em tempos difíceis.

A interpretação desse tipo de literatura exige cuidados especiais: além da busca pelo significado para os leitores originais, também são importantes cuidados com o uso da analogia, assim como o entendimento das figuras e símbolos de acordo com a cultura na qual o texto foi produzido.

Profecia: o gênero “profecia” apresenta mensagens de Deus ao povo de Israel, por meio dos profetas.

A profecia, especialmente, deve ser sempre interpretada à luz do contexto histórico na qual foi proferida.

Literatura epistolar: representa exposições doutrinárias, exortações, direções específicas e instruções referentes à vida cristã e Igreja.

Apesar de também exigir cuidados no processo de interpretação, a literatura epistolar representa um refinamento da revelação e deve ser considerada como palavra final nos dilemas hermenêuticos.

- RESPEITO ÀS FIGURAS DE LINGUAGEM:

A figura de linguagem é uma forma de expressão em que as palavras usadas comunicam um sentido não literal. É uma representação legítima que pretende comunicar mais claramente uma ideia literal.

Eufemismo: serve para suavizar a expressão de uma ideia substituindo a palavra ou expressão própria por outra mais agradável, mas polida.

Hipérbole: trata-se de um exagero para dar ênfase, representando uma coisa com muito maior ou menor grau do que em realidade é, para apresentá-la viva à imaginação.

Ironia: é a expressão do contrário do que se quer dizer, porém, sempre de tal modo que se faz ressaltar o sentido verdadeiro.

Metáfora: uma semelhança entre dois objetos ou fatos, caracterizando-se um com o que é próprio do outro.

Metonímia: é o emprego de um nome por outro com o qual tem relação. Serve para empregar a causa pelo efeito, ou o sinal ou símbolo pela realidade que indica o símbolo.

Parábola: é uma espécie de alegoria apresentada sob forma de uma narração, relatando fatos naturais ou acontecimentos possíveis, sempre com o objetivo de declarar ou ilustrar uma ou várias verdades importantes.

Antropomorfismo: serve para atribuir características humanas a Deus.

Antropopatismo: serve para atribuir sentimentos humanos a Deus.

Tipo: é uma classe de metáfora que não consiste meramente em palavras, mas em fatos, pessoas ou objetos que designam fatos semelhantes, pessoas ou objetos no porvir. É pré-figurativo.

Antítese: é a inclusão, na mesma frase, de duas palavras, ou dois pensamentos, que fazem contraste um com o outro.

Alegoria: é uma ficção em que se admite um sentido literal, exigindo, todavia, uma interpretação figurada. São várias metáforas unidas.

Paradoxo: é uma declaração oposta à opinião comum, que parece absurda, porém, quando estudada, torna-se correta e fundamentada.

- **BUSCA DO SENTIDO ELEMENTAR DO TEXTO:**

O ponto de partida para a boa interpretação da Bíblia é a investigação do sentido elementar (significado original) do texto.

Como identificar o significado original de um texto? Os passos práticos seriam:

- a) identificar o **gênero literário**;
- b) fazer **perguntas interpretativas**;

- c) fazer um **estudo gramatical do texto**;
- d) observar o **fluxo das ideias** do autor;
- e) observar os **contextos**; e
- f) **estabelecer o padrão de significado**.

Exemplos de perguntas interpretativas são: Quem? Como? Onde? De que forma? Por quê? Quais?

É importante fazermos um estudo gramatical do texto que estamos trabalhando. Isso significa identificar o sujeito (a respeito de quem se fala), o predicado (aquilo que se fala a respeito do sujeito), os verbos (as ações que o sujeito pratica ou sofre), os adjetivos (a qualidade dessas ações ou as características do sujeito), etc.

O fluxo das ideias do autor trata-se de um estudo sobre como os elementos identificados no texto relacionam-se entre si.

O “padrão de significado” seria o “princípio espiritual” que está sendo comunicado no texto e que está por trás das palavras do autor.

• **A VOCAÇÃO DO PREGADOR**

O pregador precisa ter uma experiência espiritual com Cristo e que esta pode ser “embotada ou esfriada”, se não for zelada. Para o autor, uma pregação pode ser chamada de “real” quando esta reflete a vida do pregador.

A vida do pregador é, provavelmente, o aspecto mais importante do preparo do sermão. Deus abençoará a igreja ou o ministério quando os ministros consistentemente pregarem a Palavra e viverem vidas piedosas.

Nossos esforços de crescimento na arte da Homilética não são capazes de suplantar a o poder da capacitação espiritual de Deus a uma vida consagrada.

Broadus identifica as características que para ele devem estar presentes na vida do pregador:

- a) a percepção do **chamado divino**;
- b) uma **experiência cristã** vital;
- c) a **continuidade na aprendizagem**;
- d) o **desenvolvimento** dos seus **dons naturais**;
- e) a **manutenção** de sua **saúde física**; e
- f) a **completa dependência do Espírito Santo**.

- **FUNDAMENTOS PARA UMA HOMILÉTICA RELEVANTE E CONTEXTUALIZADA**

Uma das tarefas mais importantes da pregação está na parte da contextualização, a qual consiste em fazer as aplicações práticas, para a vida, que estejam ligadas ao princípio espiritual que está sendo pregado.

A Bíblia não nos foi dada para nos informar, mas para nos transformar. A transformação tem a ver com a contextualização da mensagem à realidade de vida dos ouvintes da pregação.

A chave da contextualização é buscar uma verdadeira “[...] fusão dos horizontes do texto bíblico e da situação moderna”. É nesse momento da aplicação (contextualização) que a pessoa deve conseguir enxergar como viver a passagem bíblica.